

QUESTÕES E PROBLEMAS

UMA NOTA SOBRE ASPECTO E TRANSITIVIDADE

Rosa Attié FIGUEIRA (Universidade Estadual de Campinas)

Key-words: aspect; transitivity; agency; telic vs atelic.

Palavras-chave: aspecto; transitividade; agentividade; tético vs atélico.

0. As considerações que se seguem nada mais são do que a tentativa de colocar para exame - neste texto redigido sob a forma despretensiosa de nota - algumas questões que dizem respeito à relação entre aspecto e transitividade, e à possibilidade de tornar tal relação evidente, a partir de uma abordagem descritiva que se propõe para a segunda¹. A pertinência disto parece advir do fato de a categoria "aspecto" poder ser definida para além das propriedades semânticas do verbo, em função de um conjunto de traços identificáveis no âmbito da sentença.

Ao selecionar os dados que nos permitem argumentar nesta direção, limitamo-nos a expor apenas alguns contrastes relevantes (não todos), adequados para um trabalho preliminar, não exaustivo do tema. Estaremos privilegiando basicamente dois grupos de exemplos, pelos quais se pode mostrar: a) que o mesmo verbo chega a produzir efeitos aspectuais diferentes, a depender do complemento e/ou da marca flexional (seção 1); b) que verbos semanticamente relacionados (considerados como integrantes de diferentes classes aspectuais) exibem uma diferença quanto à transitividade, que pode ser captada na relação do sujeito com o processo expresso pelo predicado (seção 2). Num e noutro caso, a sua caracterização quanto à categoria aspecto poderia se beneficiar de um tratamento teórico-metodológico que considera a transitividade como uma propriedade da sentença passível de ser dimensionada em graus, resultante de um conjunto de componentes (Hopper e Thompson, 1980).

1. Em trabalho recente (1992), Godoi, numa ampla e cuidadosa resenha dos autores que trabalharam a categoria gramatical "aspecto", mostra que esta não pode ser definida como resultado apenas de uma marca lexical (apreensível no verbo, na sua forma infinitiva), mas resulta do sintagma verbal, e, às vezes da sentença como um todo. Nosso objetivo aqui será examinar alguns exemplos que podem vir em apoio a isto, tomando como ponto de partida uma classificação em tipos aspectuais bastante difundida entre os linguistas: a de Vendler (1967)². Ao classificar os verbos em "states", "activities", "achievements" e "accomplishments", este autor não parece ignorar a interferência de outros constituintes na caracterização do verbo, já que reconhece que um verbo classificado como "accomplishment" pode mudar de classe - tornar-se um "activity" ou vice-versa - dependendo do sintagma nominal complemento³. Consultando outra leitura clássica no tratamento deste tema (Verkuyt, 1972), encontra-se a afirmação de que a natureza aspectual de uma sentença não depende apenas do verbo, mas dos seus constituintes nominais, que podem conter informação quantificacional, a qual contribui para determinar, por exemplo, a natureza durativa ou não-durativa da sentença.

Assim, o primeiro ponto a ser assinalado (e que não passou despercebido aos autores acima) é que os verbos que são considerados como representantes de cada classe aspectual não são tipos puros. Vendler, por exemplo, admite haver usos divergentes para um item verbal; e quando dá início à análise tem o cuidado de dizer que vai trabalhar com "alguns exemplos típicos", que, "no seu uso dominante", podem ser caracterizadas de modo x (cf. op. cit., p. 98-99). Assim expressões como construir uma casa, escrever um artigo, desenhar um círculo, exemplos de "accomplishments", podem, mediante uma alteração no complemento, mudar de classe aspectual, tornando-se "activities". Admitindo-se, pois, que um verbo tende a produzir efeitos aspectuais diferentes a depender do complemento, poder-se-ia questionar como inadequada uma proposta descritiva que se limitasse a abordar o aspecto como uma propriedade do verbo, independentemente de outras marcas de natureza aspectual que fazem parte de uma dada sentença. Uma tal proposta, *localizacionista* (caracterizemos assim), mostraria um lado frágil ao negligenciar outros elementos da sentença (o sintagma verbal, por exemplo), como

portadores de marcas que co-determinam a natureza aspectual da sentença.

Nesta perspectiva é que se introduz aqui, como uma possibilidade de tratamento descritivo desta categoria, a proposta que se encontra num artigo de Hopper e Thompson (1980), intitulado "Transitivity in Grammar and Discourse". Nesta, os autores procuram descrever de maneira exaustiva as propriedades envolvidas na noção de transitividade, mostrando que esta noção tem a ver, não só - como sugere a gramática tradicional - com a presença de um objeto para o verbo (o paciente da ação), mas com outros componentes. Integram esta noção mais ampla de transitividade, além do número de argumentos: a punctualidade e telicidade do verbo, a atividade consciente do agente, o grau de referencialidade e afetação ("affectedness") do objeto⁴, a polaridade (afirmativo vs negativo) e a modalidade ("realis" vs "irrealis") da ação. A transitividade é concebida, então, como conjunção de traços.

Sendo a transitividade proposta como um "continuum" e não como comportando tipos polares (transitivo e intransitivo), seria possível, ao se descrever os contrastes entre enunciados comparáveis entre si, falar-se em graus de transitividade, isto é, que um enunciado é mais alto em transitividade do que outro, porque reúne mais traços ou propriedades que o identificam como tal (relativamente a outro, mais pobre em relação a estes mesmos traços ou propriedades).

Ao levantar os traços - que estão na sentença como um todo, no seu grau de transitividade - os autores tocam, sem dúvida, no problema da categoria "aspecto". Dentro deste quadro descritivo, uma sentença com alto grau de transitividade caracteriza-se por apresentar uma série de propriedades em convergência, a saber: tem dois ou mais participantes, contém um verbo de ação, o verbo é télico, a ação é pontual, a ação é concebida como voluntária (isto é, intencional), a ação é apresentada como ocorrendo num mundo real, e está na forma afirmativa (e não negativa). Além disto - acrescentam Hopper e Thompson - uma sentença altamente transitiva apresenta os seguintes traços: o sujeito se refere a uma entidade com alto potencial agentivo (é ser humano ou animado, o Objeto (para o qual se refere a ação) é um Sintagma Nominal singular e definido)⁵. Ora, todas estas

propriedades estão maximamente reunidas, por exemplo, num enunciado como:

Maria matou o marido com um tiro.

uma sentença causativa, sentença que é - para os autores - o exemplo de mais alta transitividade.

O que se quer apontar aqui é que uma sentença como esta é também clara quanto a seu lugar numa das classes aspectuais propostas por Vendler. Trata-se de um "accomplishment".

Os "accomplishments" foram, na literatura linguística, estudados em conexão estreita com a hipótese de decomposição lexical, no quadro teórico da Semântica Gerativa. Primeiro por McCawley (1971), e depois, mais detida e extensamente, por Dowty (1972a e 1972b)⁶. Baseando-se em Vendler, Dowty propõe uma descrição formal destes verbos, porém para os propósitos desta nota basta-nos a caracterização "mais intuitiva" que deles faz o autor, em texto de 1972 (b).

"Uma sentença contém um verbo "accomplishment" se envolve: 1) uma noção de um ato ou evento no qual um sujeito é envolvido; 2) uma mudança específica de estado que é apresentada como sendo resultado daquele ato ou evento. Assim: (1) John matou Harry, é compreendida como implicando que John fez algo e que Harry veio a estar morto como resultado desta ação de John. "Accomplishments" podem portanto ser distinguidos, por um lado, de "activities" (ver, rir, correr), que não têm a implicação de que uma mudança particular de lugar/estado aconteceu; e podem, por outro lado, ser distinguidos dos puros "achievements" (perder, morrer), que envolvem uma mudança de estado, mas não implicam que algum ato ou evento envolvendo o sujeito produziu esta mudança". (op. cit., p. 62; a tradução é nossa)

Assim, para Dowty, "accomplishments" são verbos que têm o predicado CAUSE, que toma argumentos sentenciais. Mas o que nos

interessa abordar aqui não é a natureza abstrata do verbo (apreensível na forma infinitiva), e sim o fato de que uma outra sentença que contenha o mesmo item verbal, mas distinta quanto ao complemento e tempo verbal:

Maria mata aves no abatedouro avícola.

poderia ser a expressão não mais de uma atividade-resultativa, mas simplesmente de uma atividade. A primeira responderia a uma pergunta: O que fez Maria? Maria matou o marido. A segunda responderia à pergunta: O que faz Maria? Maria mata aves no abatedouro avícola. Num caso um acontecimento único, singular, pontual e com um efeito resultante que pode ser referido como uma mudança de estado sobre o objeto, uma entidade singular e definida. Noutro caso, a expressão de uma atividade que não é apresentada no seu ponto terminal e nem como afetando uma entidade definida e singular, aproximando-se antes de uma referência à ocupação (profissional) rotineira, de Maria.

Vê-se então que o verbo matar, entrando numa estrutura, onde Agente e Objeto são particularizados e definidos, pode ser claramente caracterizado como "accomplishment" ou resultativo, o efeito resultante apto a ser expresso por um item lexical independente: morrer, que expressa a alteração sofrida. Mas quando o verbo matar integra uma estrutura em que faltam indicações de individualização do objeto e da terminalidade da ação (como é o caso da segunda sentença), este não será resultativo ou télico: é um verbo de atividade, igual a dançar, andar, correr, nadar, empurrar um carrinho (para tomar aqui os exemplos de "activities" que estão em Vendler).

Ora, este fato está, de algum modo, previsto no quadro de variação de transitividade de Hopper e Thompson, pois concebendo-a como um "continuum", como variando em grau, permite estabelecer o contraste entre eles, pela identificação das propriedades ou traços que os distinguem. Dentro desta proposta, exemplos como os dois confrontados acima (Maria matou o marido com um tiro e Maria mata aves no abatedouro avícola) ou os que encontramos nas páginas da tese de Godoi: Geraldo escreveu um romance sobre a vida dos hamsters e Geraldo escreve romances, os primeiros incluídos entre

os resultativos ou "accomplishments" e os segundos incluídos entre os não-resultativos ou "activities", seriam caracterizados como evidenciando um *decrécimo de transitividade*, pelo fato de que o Objeto não é, no segundo exemplo de cada par, individualizado: o sintagma nominal que o representa está no plural e não é definido (à diferença do primeiro). Além disto, o verbo está no presente e não no perfeito, indicando que a ação não é vista no seu ponto final. Estas marcas, não negligenciáveis no efeito aspectual que se obtém, quando o mesmo verbo (matar ou escrever) integra sentenças parcialmente diferentes no que toca ao Sintagma Verbal, tornar-se-iam visíveis ou aparentes numa abordagem como esta. A soma ou convergência das propriedades, que estão na sentença como um todo, resulta, nestes casos, numa diferença aspectual que não decorre do verbo (essencialmente o mesmo), mas de outros elementos que estão subordinados, de alguma maneira, à questão da natureza do complemento, e assim, pois, à transitividade.

Mais exemplos poderiam ser acrescentados aos já mencionados. Assim, comparem-se os que vão abaixo, agrupados aos pares⁷.

Maria escreveu uma carta ao deputado.

Maria escreve cartas desde criança.

Maria passou o terno de casamento do patrão.

Maria passa roupas a domicílio.

Pedro apresentou-me a sua nova namorada.

Pedro apresenta debutantes em bailes.

Pedro entregou a carta à Policia.

Pedro entrega cartas.

Maria pregou o botão que estava faltando na camisa.

Esta máquina prega botões.

os primeiros mais transitivos do que os segundos (como é possível dizer a partir da proposta de Hopper e Thompson). Ou, no quadro da terminologia aspectual, os primeiros resultativos ou tólicos,

veiculando o cumprimento de uma ação, em contraste com a expressão de mera atividade, veiculada nos segundos.

Seguem-se agora outros exemplos (extraídos de Godoi, p. 164-165), onde o único contraste relevante é o que se estabelece na flexão verbal. A autora admite que o enunciado: Agatha atravessou a rua seja um "accomplishment", enquanto: Agatha atravessa a rua, assim como: Agatha está atravessando a rua ou Agatha atravessava a rua são expressões de atividade. Vê-se que o que falta a estas últimas, no elenco de propriedades propostas por Hopper e Thompson, é telicidade. Idem para as sentenças consideradas mais adiante: Godofredo pintou um quadro, que é apontada como podendo ser Atividade ou "accomplishment", confrontada com Godofredo pinta/pintava um quadro, Godofredo está/estava pintando um quadro, que excluem a leitura de "accomplishments". Que "aspecto" guarda uma relação com transitividade, mostra-o o fato de que a variação de aspecto - constatada nos exemplos focalizados neste parágrafo - corresponderia a uma variação no seu grau de transitividade: maior no caso dos "accomplishments", menor no caso dos "activities".

Parece que se pode dizer que a proposta de descrição de Hopper e Thompson, na medida em que permite expor ou isolar determinadas propriedades da sentença, dá visibilidade a elas, podendo, deste modo, se oferecer como um instrumento útil para o que se chamou (Godoi 1992) de *cálculo aspectual*. Este é o critério que permitiu à autora separar os trabalhos sobre aspecto em dois grandes grupos: os que se orientam por uma taxionomia das noções aspectuais, caindo numa tipologia de exemplos (os trabalhos ditos *orientais*) e os que se orientam por uma "decomposição" ou cálculo (os trabalhos ditos *ocidentais*)⁸. Do que se pôde entrever pelo exame do material acima, o trabalho de Hopper e Thompson - aqui incluído como interessante para a consideração desta categoria - poderia ser arrolado como mais um a integrar esta última classe.

2. Tratou-se até agora dos "accomplishments", mostrando como podem, em alguns enunciados, deslizar para a condição de "activities"; mostrando-se, a par disto, como tal fato poderia ser colocado como um problema de grau mais baixo (decréscimo) de transitividade, graças à menor afetação do objeto, refletindo a

ausência da propriedade telicidade. Mas há a possibilidade de confrontar os "accomplishments" com os "achievements"⁹, que mantêm entre si uma relação de outra ordem. Contemplada de dentro de uma relação de transitividade, ela nos permitirá focalizar não apenas o polo do Objeto (expresso no complemento verbal), mas o do outro participante da relação transitiva (expresso no sujeito), tornando visíveis certas relações como o grau de participação ou envolvimento deste último, como agente (ou não) do processo relatado; o que, junto com outras propriedades, contribui para determinar o valor aspectual da sentença. Entrarão depois em foco, ainda nesta seção, questões como o grau ou modo de envolvimento do sujeito no processo (é direto? é indireto? é compartilhado com outro agente?, é concebido como dirigido por uma intenção ou vontade?). Como alguns destes pontos foram bem captados numa classificação semântica em modos de causação por Shibatani, em seu estudo sobre as construções causativas (1975), permitir-nos-emos também usar, a par do outro, o instrumental descritivo oferecido por esse autor.

Um verbo que encabeça a lista dos "achievements" (ou dos verbos de cumprimento de processo), é, na lista de Vendler, o verbo find. Na sua tradução para o português - achar - já nos deparamos com um caso interessante, que pode abrigar uma discussão sobre o envolvimento do sujeito como agente no processo relatado, fazendo aparecer um dos problemas neste polo da relação transitiva. Em português, os dicionários registram para achar: "encontrar por acaso ou procurando" (cf. Aurélio 1986, p. 29). Assim, é útil distinguir o "achar" acidental: Abri a gaveta e achei uma chave; do "achar" que é resultado de um processo intencional de procurar: Depois de muito procurar, achei a chave do carro. Somente neste segundo caso se pode falar que um objeto estava perdido, e que este era o alvo de uma procura.

O envolvimento do indivíduo (coincidente com o papel gramatical de sujeito) é, em cada caso, distinto; e vale a pena mostrar como o quadro descritivo de Hopper e Thompson estaria apto a traduzir tal diferença. A par da particularização do objeto (também digna de nota na sentença Achei a chave do carro), seria o traço: volição, ausente no primeiro caso e presente no segundo, que

contribuiria para a caracterização dos enunciados acima como distintos em apenas alguns pontos, numa escala de transitividade¹⁰.

Isto não mudaria substancialmente a descrição do verbo achar quanto à classe aspectual. Em ambos o que se recorta é a culminância de um processo, uma mudança instantânea, a partir da qual algo (que se estava procurando ou não) passa a estar acessível ao sujeito; acessibilidade que pode ser física, quando o objeto passa a estar no campo visual deste (Levantei o guardanapo e achei o ingresso) ou não (Pensei muito e achei a solução). Chegando-se a este ponto, cumpre destacar que existe no léxico do português a contraparte verbal que expressa o *desenrolar* do processo intencional que visa a este resultado: é o item procurar. Trata-se - para quem se propõe a descrever as relações de sentido entre itens do léxico - de evidenciar qual é a relação que une o par procurar-achar. Não é uma relação de sentido oposto ou contrário (como, por exemplo, a que une achar a perder, este também outro "achievement"), nem é a mesma relação de causalidade que une matar a morrer, mas é uma relação que tem a ver com aspecto: duração e cumprimento de processo, em cuja descrição a noção de fase parece ser central. A procurou B significa a cessação de atividade em direção a um objetivo, cujo completamento ou êxito somente poderá ser expresso por outra sentença: A achou B, sua contraparte télica¹¹.

Em que quadro descritivo uma tal diferença semântica estaria bem representada? No quadro de uma concepção tradicional de transitividade, seriam tratados como igualmente transitivos; já no quadro de uma caracterização de transitividade como junção de traços ou propriedades, seria na variação das propriedades "téllico" vs "atéllico" e "ação" vs "não ação" que seria possível situar a diferença de procurar com achar. Em primeiro lugar, caberia deixar claro que dizer Pedro procurou a chave do carro é falar de uma ação (a sentença expressa Atividade), mas como não há consecução do objetivo, não é uma atividade resultativa, ou, por outra, não é "accomplishment"¹². O processo não tem um ponto de culminância (tão somente cessação, se empregado no perfeito), em que pese o envolvimento consciente e intencional do participante que figura na estrutura gramatical como sujeito; já quando se diz Pedro achou a chave, e o processo foi acidental (ausência de volição), há de todo modo um efeito, embora

não se dê como resultado de uma ação (não é uma Atividade, é um "achievement"). Indo um pouco além, o que caberia assinalar, no exame deste par, é que, neste caso, efeito ou tipo de resultado pode ser *independente* do que se põe como ação causadora, isto é, explicitamente dirigida para um fim¹³. Chegando-se a este ponto, não seria inútil ter em conta a classificação semântica de modos de causação de Shibatani, já que se está falando de um tipo particular de causação¹⁴. Ela permitiria acomodar bem este caso no tipo de causação não-controlada, rotulada pelo autor de balística. Há causação balística sempre que se pode constatar um movimento a partir do qual um outro acontece como *autônomo*, em fase distinta. Isto seria adequado para descrever não só procurar-achar, mas também outro par: oferecer-aceitar (X ofereceu o carro a Y; Y aceitou o carro). Só que no caso deste último, cada um dos movimentos, o de oferecer e o de aceitar (ou de recusar...), procede de indivíduos diferentes (ocupando o lugar de sujeito gramatical das sentenças), ficando assim o cumprimento do processo na dependência dos gestos ou ações. Neste último dado está, aliás, a sua diferença com o par procurar-achar, onde a ação de iniciar o processo e a culminância do mesmo estão, numa grande parte das situações, ligados ao mesmo indivíduo¹⁵.

Estas últimas observações chamam a atenção para a estrutura argumental ou para o diferente papel temático atribuível ao sujeito gramatical em sentenças onde estão presentes itens semanticamente relacionados, exibindo resultados diferentes quanto à sua caracterização aspectual e, correlativamente, quanto ao grau de transitividade. Conforme se viu, uma sentença com achar - bem como outra, com o "achievement" perder ou morrer - não envolvem um sujeito agentivo: o sujeito é o experienciador, a pessoa afetada ou a sede do processo, mas não seria apropriado dizer que seja o agente. Dir-se-ia então que o seu potencial de agentividade é baixo ou nulo, diferentemente de uma sentença que contenha os transitivos procurar ou matar. Ora, isto resulta numa diferença não só na sintaxe (a presença, no caso de morrer-matar, de um argumento a mais), mas na semântica das sentenças que os contém, a qual poderá ser captada como uma diferença de transitividade, no sentido que se dá a esta noção aqui. Na tentativa de ampliar os contrastes, considerem-se os seguintes enunciados, exemplos de sentenças ordenadas numa escala

de transitividade no sentido crescente: 1. A chave sumiu; 2. O menino perdeu a chave; 3. O menino escondeu a chave. No quadro de uma definição de transitividade como conjunção de propriedades, dir-se-ia que 3 é mais transitiva de que 2 e que esta é mais transitiva do que 1 (a mais baixa em transitividade das três), fazendo juz à concepção intuitiva do conceito, a saber, que uma ação "passa" ou é melhor transferida do sujeito para o objeto quando procede de um ato em que alguém, voluntaria e conscientemente, faz algo de modo a produzir uma alteração sobre o objeto, alteração que poderá ser, como no caso acima, uma mudança de locação do objeto. Mas os exemplos não precisam ficar restritos a predicados monoargumentais, tornados biargumentais, pelo acréscimo da entidade afetada ou do agente - como acima. Assim, para ultrapassar um pouco nossos exemplos, poder-se-ia levar o leitor a considerar os que estão originalmente no artigo de Hopper e Thompson, a título de ilustração do traço "volição" ("volitionality"): Eu escrevi seu nome, posto em contraste com Eu esqueci seu nome; a que se acrescenta: Eu lavei a roupa, posto em contraste com Eu perdi a roupa. A aproximação é relevante para fazer ver que a ausência de envolvimento intencional ou consciente do participante (referido como sujeito) no processo expresso pelo verbo determina a existência de sentenças que serão menos transitivas do que outras. É de se notar que a este decréscimo de transitividade corresponderia um enquadramento distinto quanto a aspecto: Eu esqueci seu nome e Eu perdi a roupa são "achievements", enquanto Eu escrevi seu nome e Eu lavei a roupa seriam "accomplishments".

Muitos outros caminhos para estabelecimento de contrastes se abrem aqui. Por exemplo, o confronto de enunciados genéricos ou semi-genéricos, de baixa transitividade, tais como: (O) fogo queima; (Os) bebês mamam; (A) criança dorme, com outros com marca flexional de perfeito, mais altos em transitividade, exibindo ou não aumento do número de participantes no processo, tais como: O bebê mamou; A mãe amamentou o bebê; A criança dormiu; A mãe fez a criança dormir. Não seguiremos todos, mas apenas os que são relevantes para o quadro da presente discussão, particularmente aqueles em que a relação do sujeito com o processo descrito pelo predicado é semanticamente diferenciada, quanto ao fato de envolver fases. Para tal, tenha-se em conta:

O vendedor trouxe o carro de São Paulo.

O vendedor fez vir o carro de São Paulo.

O rapaz levou o carro ao mecânico.

O rapaz mandou o carro ao mecânico.

São praticamente iguais quanto à estrutura sintática. Há porém uma diferença semântica entre elas, apreensível num subtipo da classificação em modos de causação proposta por Shibatani, no já citado estudo sobre as construções causativas.

As primeiras de cada par - com os itens trazer e levar - são causações controladas, isto é, aquelas em que a fase causadora contém a fase causada, exercendo um controle sobre ela (o intervalo de tempo para que o evento se produza pode ser concebido como um só, havendo coincidência entre as duas fases). Já no caso das segundas, trata-se do que se chamaria (segundo Shibatani) de causação balística. Balística porque nestas a fase causadora funciona como um impulso inicial, a partir do qual outro evento se produz de maneira autônoma. Neste caso, há uma diferença de tempo entre a fase causadora e a fase causada.

A par disto, deve-se chamar a atenção para o fato de que o processo que dá por resultado uma mudança (o deslocamento do carro) está, no primeiro caso, sob o controle de uma só entidade. O causador (para continuar usando a terminologia descritiva de Shibatani), é o mesmo que executa a fase causada, ou seja, a entidade referida no sujeito das sentenças: o vendedor e o rapaz. No segundo caso, com a perífrase fazer vir ou o verbo mandar, o processo que dá por resultado o deslocamento do carro, é executado por outra pessoa, a qual age sob o comando da primeira, numa fase subsequente.

A descrição que esboçamos acima corresponde em parte àquela que seria também adequada quando se procura analisar certos contrastes semânticos, como o que se tem no par abaixo¹⁶.

O médico engravidou a moça.

O médico fez engravidar a moça / O médico fez a moça engravidar.

onde o resultado (a moça ficar grávida) é passível de ser dimensionado numa fase única (primeira sentença), ou em recorte temporal mais amplo (segunda sentença), caso em que a ação do indivíduo referido como o médico (na terminologia de Shibatani, o causador) leva à realização de uma outra, como evento relativamente autônomo. Mas além da questão do tempo, o exemplo acima parece colocar alguns outros pontos, também dignos de atenção. No primeiro caso o médico é diretamente envolvido na mudança de estado da moça (seria o pai da criança...), enquanto no segundo caso tem uma participação apenas indireta, contribuindo com tratamento, orientação, etc (pensemos numa situação em que um casal que não consegue ter filhos procura, para chegar a isto, a orientação de um profissional). A diferença entre eles caberia na oposição entre causação manipulativa direta e causação direta indireta¹⁷.

O que este par dá a ver é novamente um fato que atinge a questão da transitividade. Seu interesse está em mostrar que a transitividade entre um Agente e um Paciente, quando se faz passar pela construção com fazer em substituição ao item verbal simples (fazer engravidar em lugar de engravidar), abre um lugar na estrutura sintático-semântica apto a ser preenchido por um constituinte que pode ter na mudança resultante uma parcela de agentividade (divisão de responsabilidade?). Deve-se notar que isto nada muda a afetação de O (em ambos os casos o que se tem como resultado é a mesma alteração de estado da moça), mas a relação entre os participantes desta situação, esta muda; a expressão da modalidade indireta de causação ficando a cargo de um recorte gramatical que contempla a estrutura com fazer. Com efeito, esta construção oferece a oportunidade de uma leitura, em que a questão do tempo transcorrido entre a ação desencadeada (pelo sujeito de fazer) e a mudança resultante pode ser concebido de maneira a comportar fases, e assim, a participação de co-agentes no processo. Nesta direção poder-se-ia ampliar os exemplos, de forma a levar o leitor a considerar as diferenças semânticas entre:

- enfermeiro ergueu a menina.
- enfermeiro fez a menina erguer-se.
- rapaz tirou a menina da sala.
- rapaz fez a menina sair da sala.

Os primeiros exemplos fazem pensar numa ação manipulativa direta do enfermeiro/rapaz sobre a menina; já nos segundos a mudança de posição/lugar que esta sofre poderá ser atribuída não só ao enfermeiro/rapaz, mas também à ação da própria menina, que também faz algo. Descrição que, de resto, corresponderia perfeitamente à nossa intuição de que "a menina" é mais efetivamente "paciente" nas primeiras sentenças de cada par acima, do que nas segundas, onde divide, com outrem (o indivíduo representado no sintagma nominal sujeito), a carga de agentividade.

Outras possibilidades de abrir contrastes poderiam aqui ser consideradas. Assim, por exemplo, entre:

O cursinho X põe você na faculdade.

O cursinho X faz você entrar na faculdade.

enunciados que já tivemos a oportunidade de analisar (v. Figueira 1986), mostrando que a substituição do causativo pôr pela expressão analítica correspondente fazer entrar aponta para nuances distintas de causação, nuances que têm a ver com o modo como a entidade referida como causadora (o cursinho), age sobre a entidade referida por você. No primeiro caso, dir-se-ia que esta última é tratada manipulativamente; já no segundo caso, não; tanto que permite a interpretação de que o mérito de entrar na faculdade possa ser dividido entre o candidato (você) e o cursinho. Novamente é a construção sintática com fazer que permite esta leitura.

Não é nossa intenção estender esta nota nessa direção. Caberia apenas, como comentário final a propósito destes últimos exemplos, dizer que, se neles a relação entre os participantes de um processo se mostra semanticamente diferenciada, isto pode estar ligado ao fato de que o tempo transcorrido entre inepção e completamento comporta fases, o que dá a oportunidade da entrada de co-agentes no processo. Neste ponto, aspecto e transitividade voltam a se encontrar. Com efeito, parte de nossa exemplificação nesta seção exibe uma transitividade, por assim dizer, mediada, porque aberta à participação de co-agentes, em espaço de tempo apto a ser dimensionado em duas fases. Assim, não só nos casos em que há uma ação direta sobre o Objeto, como também nos casos em que o completamento da ação

passa por dois indivíduos que dividem a carga de agentividade, fica patente a estreita relação que há entre aspecto e transitividade. E que, a se buscar um modelo em que casos como os acima venham a ser tratados, este não poderá prescindir de uma exploração teórica destas duas categorias gramaticais.

E se fôssemos chamados a reunir num quadro sistemático geral os casos aqui examinados, isto poderia ser feito assinalando dois movimentos. Primeiro, o do verbo com o seu complemento, relação onde se pode reconhecer diferenças aspectuais importantes, de acordo com a maior ou menor afetação do Objeto: os casos de variação de "accomplishments" para "activities", com decréscimo de transitividade estariam aí incluídos. Segundo, o do verbo com o seu sujeito, relação em que se pode mostrar que o grau de envolvimento do sujeito enquanto agente (isto é, participante ativo), tanto pode ser nulo (como no caso dos "achievements"), como submetido a uma divisão da carga agentiva (como no caso das estruturas em que entra a construção sintática com *fazer*). Em qualquer dos casos, a questão da transitividade está colocada, sendo impossível estudar o aspecto verbal sem tematizá-la e vice-versa. Uma questão que fica entretanto em aberto é a de sua possível hierarquização.

(Recebido em 18/02/1995. Aceito em 08/01/1996.)

NOTAS

- 1 Tais questões surgiram a partir da tese "Os Aspectos do Aspecto" (Godoi 1992), cuja leitura tivemos o prazer de fazer, como membro suplente da banca. O trabalho de Elena Godoi, com seu tratamento abrangente do tema, ofereceu-nos a oportunidade de entrever alguns pontos que serão tratados brevemente neste texto.
Deixa-se também aqui registrado o agradecimento à assessoria da revista D.E.L.T.A. pelos comentários e sugestões recebidos quando da apresentação da primeira versão deste trabalho.
- 2 Caberia lembrar o que observa Godoi (op. cit., p. 25) sobre o trabalho deste e de outro autor. "(...) nem Kenny, nem Vendler, ao estabelecerem suas classificações dos verbos e respectivos esquemas temporais, visavam ao estudo do aspecto verbal. Mas a importância deste tipo de classificação foi quase imediatamente percebida pelos lingüistas (cf., por exemplo, Comrie, 1976)".

- 3 Como observa Verkuyl (1989, p. 39), e é também notado por Godoi, em Vendler "termo" é usado para indicar verbos, "embora pareça que Vendler estava ciente de que suas categorias dizem respeito a expressões sintaticamente complexas, sendo exemplar o caso do objeto direto, que determina a qual das quatro categorias o verbo transitivo pertence" (Godoi, op. cit, p. 21).
- 4 "Affectedness", um dos componentes que concernem o Objeto, é assim ilustrado pelos autores: *I drank up the milk* vs. *I drank some of the milk*, a primeira sentença exibindo uma ação que é transferida de maneira mais completa a um paciente do que a segunda. Na dúvida quanto à tradução do termo para o português (afetação? afetamento? afetabilidade?), acabamos por ficar com a primeira opção.
- 5 Para a apresentação completa deste trabalho remetemos o leitor à *Langage* 1980 ou à leitura de Pezatti 1992 (p. 160-198), onde há um capítulo destinado a expor a proposta de Hopper e Thompson, e a explorar a sua relação com relevo discursivo. Uma breve resenha do mesmo artigo poderá também ser encontrada em Figueira 1985 (p. 56-64).

Nesta nota não se irá além do exame da noção de transitividade do ponto de vista da gramática, deixando de lado a sua correlação com "foregrounding" e "backgrounding", que - diga-se de passagem - não escapa a uma circularidade. Em nosso trabalho sobre causatividade, revelou-se mais adequado assumir, em vez da vinculação às noções de planos de discurso, a sua relação com a noção de *perspectiva*, concebida de um ponto de vista pragmático-discursivo.

- 6 Uma sentença com *kill/matar* seria decomposta nos predicados abstratos CAUSE, BECOME e NOT-ALIVE. Dowty modifica a análise anterior de McCawley, propondo que "o predicado atômico CAUSE tome invariavelmente um sujeito sentencial e não um sujeito individual" (Dowty 1972b, p. 62). Assim, "o sujeito de CAUSE não seria o próprio agente, mas uma sentença na qual o agente é o sujeito" (idem, 1972a, p. 94). Com isto este autor se alinha à concepção filosófica e psicológica que toma causa como uma relação entre eventos. Seus argumentos, contudo, são de ordem estritamente linguística.

Observemos também que Dowty contempla na sua análise formal a leitura intencional e não-intencional que uma sentença como *Maria matou o marido* comporta. Conforme observa o autor, esta é uma propriedade geral dos "accomplishments" que têm como sujeitos superficiais sintagmas nominais que designam seres humanos. Vale lembrar que ao ilustrar com o exemplo acima a alta transitividade, nós o tomamos na leitura intencional.

- 7 Estes exemplos, com exceção do último, que tem como sintagma nominal sujeito uma entidade não-humana, reproduzem o mesmo esquema dos anteriores.
- 8 Para mais detalhes sobre esta separação, ver Godoi (1992).
- 9 Tem-se utilizado até aqui as designações em inglês, que aliás circulam sem tradução em vários autores. Isto não quer dizer que não tenha havido um esforço no sentido de encontrar-lhes equivalentes em português. Das classes propostas por Vendler, "states" e "activities" não oferecem problema de tradução: são estados e atividades, respectivamente. Quanto aos "accomplishments" e "achievements", pode-se deixar expressa a sugestão lançada, em estudo sobre a noção de causatividade (Figueira 1985): "verbo de cumprimento de ação" para os primeiros e "verbos de cumprimento de processo" para os segundos. Tais designações são aproximativas, procurando marcar uma diferença importante na sua caracterização: o "accomplishment" expressa o cumprimento de algo que procede de uma ação, na qual o sujeito está envolvido como agente, enquanto o "achievement" expressa tão somente o climax, o cumprimento instantâneo de algo que não é recortado como ação em que o sujeito esteja ativamente envolvido. *Nascer, morrer, achar* (no sentido de "encontrar por acaso") não envolvem um sujeito agente, como *matar* ou *escrever um romance*, por exemplo. O sujeito é o experienciador, a pessoa afetada ou a sede do processo: seu potencial de agentividade é baixo ou nulo.
- Cabe referir, como alternativa de tradução, a que se encontrou recentemente em artigo publicado na Revista Internacional de Língua Portuguesa (Mendes, 1994): *verbos de realização e eventos instantâneos* para *accomplishments* e *achievements*, respectivamente.
- 10 É útil mencionar que no artigo de Hopper e Thompson, a exemplificação dos autores para o componente volição ("volitionality"), não recai sobre *achar*, mas sobre *esquecer*, confrontado com outro verbo transitivo, em exemplos como: *Eu escrevi seu nome* vs *Eu esqueci seu nome*.
- 11 De fato, *procurar* é um item de significação inerentemente atética. Como diz Leiria (1994, p. 84), "há certos verbos atéticos que nunca originam situações télicas. É o caso de *procurar*, que tem como par télico *encontrar* (...)".
- 12 É interessante localizar onde se dá a diferença que separa um causativo típico, *A matou B*, de *A procurou B*, em relação a suas contrapartes mais baixas em transitividade com os itens *morrer* e *achar*. *B morreu* e *A achou B*, que recortam apenas a mudança instantânea, sem referir a causação. Ela está justamente no fato de que *A matou B* implica que *B* morreu, enquanto *A procurou B* não implica que *B* foi achado. Daí ser possível dizer, sem causar estranheza, *Maria procurou o livro e o achou na estante*, enquanto seria estranho - por redundante - ouvir-se: *Maria*

matou o marido e o marido morreu. Por isto é que não se pôde a rigor considerar (v. Figueira 1985), o item *procurar* como causativo ou como causativo prototípico; de fato, ele não inclui o resultado da ação ou consecução do objetivo, como seria esperado de um causativo ou "accomplishment". Assim, itens como *procurar-achar*, (e aqui acrescentamos mais um par: *oferecer-aceitar*), que o léxico do português nos apresenta como de alguma maneira relacionados, não mantêm entre si a mesma relação que outros como *matar-morrer*, *derrubar-cair*, *tirar-sair*, etc. Isto fica evidente quando se busca construir a paráfrase de cada qual: *matar é fazer morrer*, *derrubar é fazer cair*, mas de *procurar* não se pode dizer que é *fazer achar*, tão somente que é "fazer algo no sentido de tornar algo acessível". (O mesmo se poderá dizer de *oferecer*). Em resumo, eles diferem dos outros causativos porque, embora tenham um alvo claro, a consecução do objetivo ou o cumprimento do processo (em outra palavra, o êxito), não é parte de sua significação, sendo este expresso por item distinto no léxico: *achar* (para *procurar*), *aceitar* (para *oferecer*).

- 13 O que isto significa é nada mais nada menos do que aquilo que todo falante do português sabe a respeito do uso do verbo achar, (e com o que a criança não raro se debate, no processo de aquisição do português). Usa-se *achar* quer para o clímax de um processo em cujo resultado (positivo) um indivíduo esteve consciente e voluntariamente envolvido (*X procurou o anel e o achou*), quer para o clímax de um processo em que um indivíduo se vê involuntariamente envolvido (*X procurou o anel, mas foi Y, que nem sabia do desaparecimento da jóia, quem o achou*). Neste último caso, aplicam-se as expressões: "pode-se achar sem estar procurando", "pode-se achar apesar de não estar procurando".
- 14 Para tal, ver o capítulo IV, "Semantics", de "A Linguistic Study of Causative Constructions" (1975, p.44-72).
- 15 Ver nota 13.
- 16 Este exemplo foi-nos sugerido pelo prof. Rodolfo Ilari, numa leitura que fez de uma primeira versão desta nota. Sou grata a ele pelas observações e comentários feitos nesta ocasião.
- 17 De novo recorre-se aqui à classificação em modos de causação de Shibatani (1975).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DOWTY, D. R. (1972a). Studies in the logic of verb aspect and time reference. In *Studies in Linguistics*. Universidade do Texas, Austin.

- ____ (1972b) On the syntax and semantics of predicate CAUSE. *Papers from the Eighth Regional Meeting Chicago Linguistic Society*: 62-74.
- FERREIRA, A. B. de H. (1986). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. RJ: Ed. Nova Fronteira.
- FIGUEIRA, R. A. (1985) Causatividade: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição do português por uma criança. Tese de doutorado inédita. UNICAMP.
- ____ (1986) Agente e culpado: papéis que se recobrem na aquisição das construções causativas com *fazer*. *Revista Ibero-americana*: 36-54. Meisel (ed.). Vervuet.
- GODOI, E. (1992) Os aspectos do aspecto. Tese de doutorado inédita. UNICAMP.
- HOPPER, P. & S. THOMPSON (1980) Transitivity and discourse. *Language*, 56(2): 251-299.
- KENNY, A. (1963) *Action, Emotion and Will*. Londres: Routledge.
- LEIRIA, I. (1994) Aquisição do aspecto verbal por falantes não-nativos do português europeu: o exemplo dos pretéritos perfeito e imperfeito. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 11: 74-84.
- MCCAWLEY, J. (1971) Pre-lexical syntax. In O'Brien (ed.), *Report to the 22nd Annual Round Table Meeting on Linguistics and Language Studies*: 19-33. Georgetown University Press.
- MENDES, A. Q. (1994) A referência temporal na linguagem da criança. *Revista Internacional de Língua Portuguesa*, 11. 13-48.
- PEZATTI, E. G. (1992) A ordem de palavras em português: aspectos tipológicos e funcionais. Tese de doutorado inédita. UNESP.
- SHIBATANI, M. (1975) A linguistic study of causative constructions. Tese de doutorado. Universidade da Califórnia, Berkeley.
- VENDLER, Z. (1967) *Linguistics in Philosophy*. Nova York: Cornell University Press.
- VERKUYL, H. J. (1972) *On the Compositional Nature of the Aspect*. Dordrecht.
- ____ (1989) Aspectual classes and aspectual composition. *Linguistics and Philosophy*, 12. 39-94.